



O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA PEDAGOGIA ¹

Andressa Renata Furlan ²
Camila de Carvalho ³
Isabelly Quintela Barbosa ⁴
Vinícius Adriano de Freitas ⁵
Lilian Alves Pereira Peres ⁶

INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência tem como tema: o papel do professor mediador no processo de alfabetização. A pesquisa foi realizada nos anos de 2022 e 2023 na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Castro Alves, localizada na cidade de Cianorte/PR. Tivemos como ponto de partida estudos teóricos e aplicações práticas realizadas em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, campus Regional de Cianorte.

Durante as observações em sala de aula da escola campo, tivemos a oportunidade de levar cada criança individualmente a refletir sobre sua escrita em uma atividade de sondagem, de modo que precisavam fazer uma reescrita das palavras de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. Isso nos levou a refletir sobre a importância da mediação pedagógica no processo de alfabetização.

As vivências teórico-práticas proporcionadas pelo PRP levaram-nos a importantes reflexões acerca do processo de alfabetização. Nossas análises partem dos pressupostos teóricos descritos por Soares (2020), que por sua vez se baseia em várias teorias científicas: a

¹ Relato de experiência de uma das atividades desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR, Campus Regional de Cianorte-PR.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM/PR, Campus Regional de Cianorte-PR, ra118241@uem.br.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM/PR, Campus Regional de Cianorte-PR, ra117221@uem.br.

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM/PR, Campus Regional de Cianorte-PR, ra116857@uem.br.

⁵ Professor Preceptor do Programa Residência Pedagógica, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá UEM/PR, vafreitas.ct@uem.br.

⁶ Professora Orientadora do Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá- UEM/PR, Campus Regional de Cianorte-PR, lapperes@uem.br.



psicogênese da língua escrita, a psicologia do desenvolvimento cognitivo e linguístico e a psicologia histórico-cultural, por considerar inadmissível a utilização de uma única base teórica para a aprendizagem da linguagem escrita, processo complexo e que possui muitas facetas.

Soares (2020) divide os níveis de escrita em algumas categorias: pré-silábico, na qual a criança usa letras sem relacioná-las às propriedades sonoras da palavra; silábico sem valor sonoro, no qual a criança escreve uma letra para cada sílaba sem correspondência com o valor sonoro da palavra; silábico com valor sonoro, no qual a criança escreve uma letra para cada sílaba mas com a propriedade fonética, colocando a letra mais evidente da palavra; silábico-alfabético, no qual a criança já tem uma consciência fonológica mais ampla, de modo que coloca mais letras nas sílabas e, por fim, alfabético, no qual a criança escreve a palavra toda com todas as sílabas completas ou quase completas, entretanto, podem haver erros ortográficos.

Nesse processo de aprendizagem, as crianças chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental com diferentes conhecimentos acerca da linguagem escrita e em diferentes níveis de escrita. Desse modo, nos perguntamos: de que modo o professor alfabetizador pode levar as crianças a avançar no processo de escrita?

De acordo com Soares (2020, p. 102, grifo do autor), “o principal procedimento para ajudar crianças a avançar em níveis de conceitualização é, atuando na *zona de desenvolvimento proximal*, levá-las a refletir sobre sua escrita”. O docente pode fazer isso a partir de outras palavras já conhecidas pela criança, tendo como exemplo o próprio nome, por exemplo. Neste sentido, a mediação pedagógica interfere no desenvolvimento da criança na medida em que o professor conhece o desenvolvimento cognitivo e linguístico do educando, levando em consideração o nível de desenvolvimento que a criança está, para que possa levá-la a aprender aquilo que já tem possibilidade de aprender (Soares, 2020).

Diante dessas considerações, o objetivo desse relato é demonstrar a importância do professor refletir sobre os níveis de escrita para, assim, desenvolver práticas teórico-metodológicas que favoreça a mediação no processo de alfabetização. Para tanto, realizamos a sondagem de escrita para que com os dados fosse possível realizar a comparação com os níveis de escrita em que cada criança se encontrava e por meio dessa análise pudéssemos pensar em como desenvolver práticas teórico-metodológicas que auxiliassem no processo de alfabetização. Como resultados da discussão, verificamos que ao longo de 6 meses houve várias mudanças de hipóteses de escrita, de modo que grande parte da turma 90% avançou na hipótese de escrita alfabética.

Com esses dados, concluímos que é essencial que o professor alfabetizador realize sondagens apuradas e atue na zona de desenvolvimento proximal da criança, levando-a a refletir

sobre sua escrita, processo possível apenas por meio de uma prática fundamentada teoricamente que considere as necessidades de aprendizagem específicas de cada nível de escrita, até que a criança alcance plena alfabetização.

METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa foi a coleta de dados por meio da análise da escrita nas atividades de sondagem de 22 crianças de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Todas têm em média seis anos de idade. Buscou-se analisar o avanço das crianças nos níveis de escrita, comparando o nível que estavam na primeira sondagem do ano, que foi registrada em 9 de março de 2023, em relação àquela registrada em 9 de agosto de 2023. Coletamos os dados e buscamos contabilizar o nível de escrita em que as crianças se encontravam.

Posteriormente, realizamos uma revisão bibliográfica que, tendo em vista esses dados, busca responder nossa problemática: o papel da intervenção do professor no processo de alfabetização. Realizamos esse trabalho orientado pelo professor/preceptor da rede municipal de ensino e com a professora orientadora do programa baseado nas avaliações propostas pela Secretaria de Educação do Município.

Nessas avaliações, o professor realiza a sondagem de escrita e a análise dessas sondagens são realizadas junto a equipe pedagógica. Os níveis de escrita propostos pela Secretaria são: pictórico (garatujas), definidos como o registro da criança por meio de riscos e pedaços de letra; Nível 1, a criança começa a misturar letras com numerais, e o desenho e a escrita tem o mesmo significado; Nível 2, a criança já consegue diferenciar os números das letras, entretanto, a escrita ainda não tem relação com a fala; Intermediário 1, o aluno começa fazer associação do valor sonoro com as letras; Silábico 1 (sem valor sonoro) a criança compreende que as palavras têm sílabas (segmentações), colocando uma letra para cada sílaba, porém sem ter relação com a palavra; Silábico 2 (com valor sonoro), a criança associa alguns pedaços do valor sonoro na palavra, colocando a letra com som mais forte para cada sílaba; Intermediário 2, caracterizado por um momento de conflito entre o alfabético e o silábico, na qual a criança já escreve mais de uma letra por sílaba e, por fim o Alfabético, em que a criança assimila a compreensão da língua escrita.

Durante as vivências no Programa Residência Pedagógica - PRP, temos buscado aplicar os estudos sobre o ensino da língua escrita. Passamos a nos aprofundar em alguns paradigmas, tais como o construtivista e o fonológico. Conforme apontado por Martins e Corrêa (2008, p. 279) “o paradigma construtivista baseia-se no pressuposto de que o desenvolvimento da escrita

é, em grande parte, determinado por mudanças na capacidade lógica da criança”. Desse modo, evidenciamos que as práticas sociais de leitura e escrita podem ser realizadas por meio de sequências didáticas, musicalização, rotina de leitura do alfabeto e de palavras, contação de histórias e práticas de escrita inventada. Já no paradigma fonológico entendemos que está baseado na compreensão de que “[...] as letras representam sons na pronúncia das palavras” (Martins e Corrêa, 2008, p. 279). Assim, as práticas pedagógicas a serem utilizadas devem evidenciar a dependência entre o desenvolvimento fonológico e o desenvolvimento da escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise dos níveis de escrita nas sondagens, verificou-se em relação a primeira sondagem realizada em 9 de março de 2023 e a registrada em 9 de agosto de 2023 das 22 crianças: 3 crianças avançaram do nível silábico-alfabético para o alfabético; 8 passaram do nível silábico para o silábico-alfabético, enquanto 3 passaram do nível silábico diretamente para o alfabético; 1 avançou do nível pré-silábico para o nível silábico; 6 continuaram no mesmo nível e 1 passou do nível silábico para o pré-silábico.

Esses dados revelam que mais da metade dos alunos da sala de aula avançaram em seus níveis de escrita. Observou-se um rápido e significativo desenvolvimento da escrita, para o qual é inegável a importância do professor alfabetizador consciente, que aprecia a relação pedagógica entre teoria e prática.

Assim, observa-se que cada nível de escrita exige diferentes métodos do professor, e que durante as observações realizadas durante as atividades do PRP tivemos a oportunidade de presenciá-los, bem como participar da elaboração e aplicação das propostas. Como exemplo, utilizar os jogos lúdicos com rimas e aliterações para desenvolver a consciência fonológica para que uma criança silábica sem valor sonoro passe ao nível com valor sonoro. Isto reitera que, para realizar intervenção pedagógica visando avanço em qualquer fase, é necessário conhecimentos e subsídios teóricos que atendam especificamente às necessidades de aprendizagem da criança naquele nível de escrita (Soares, 2020).

Contudo, pela dificuldade de trabalhar individualmente com cada criança, Soares (2020) indica que o docente planeje atividades que possam ser feitas por todos os alunos quando as diferenças são pequenas, e atividades em grupo quando as diferenças são maiores. Podem ser formados grupos no qual as crianças de níveis próximos ajudam umas às outras. Dessa forma, as atividades desenvolvidas por nós, residentes do PRP, pretendem nos instrumentalizar

enquanto professor em formação para atuar em turmas de alfabetização de forma que se compreenda a importância dos níveis de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estas reflexões, podemos concluir que é fundamental que o professor alfabetizador reflita sobre o nível de escrita das crianças. É necessário aplicar atividades de sondagem que realmente deixem esta questão explícita, bem como analisar, a partir de uma fundamentação científico-teórica sólida, quais necessidades aquele nível de escrita exige para que a criança possa avançar. Além disso, é imprescindível planejar diversas maneiras para que possa atuar na zona de desenvolvimento proximal das crianças, levando a formação de um sujeito *alfabetizado e letrado*, consciente e ativo dentro de suas práticas sociais.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Alfabetização, Níveis de escrita, Mediação pedagógica.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo auxílio financeiro, indispensável à realização das atividades realizadas no Programa Residência Pedagógica.

REFERÊNCIAS

CIANORTE. **Secretaria Municipal de Educação:** sondagem de escrita. Cianorte: 2023.

MARTINS, Cláudia Cardoso; CORRÊA, Marcela Fulanete. **O Desenvolvimento da Escrita nos Anos Pré-Escolares:** Questões Acerca do Estágio Silábico. Minas Gerais. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2008, Vol. 24, n. 3, pp. 279-286.

SOARES, Magda. **Alfalettrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.